LINGUAGENS DA INFÂNCIA – CULTURA, ESPAÇO E APRENDIZAGEM: A INSPIRAÇÃO DE REGGIO EMÍLIA

Diana dos Santos de Lima da Silva[1]
Dimarina Lima[2]

RESUMO:

O presente artigo tem como finalidade provocar no leitor a reflexão sobre a aprendizagem da criança no ambiente escolar na primeira etapa da Educação Básica, inspirando-se na abordagem das escolas públicas de Reggio Emilia. A pesquisa foi direcionada para buscar compreender o vínculo exercido pelo espaço escolar para o desenvolvimento cognitivo e expressivo da criança na Educação Infantil, partindo das seguintes questões: o meio no qual a criança está inserida possibilita a construção do conhecimento, através das intersecções culturais? É influência no espaço de aprendizagem para o desenvolvimento da criança na creche e pré-escola? Qual o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem? Como não intervir na aprendizagem da criança? Foi realizada pesquisa bibliográfica, abordando autores como Vygotsky (1999), Rinaldi (2012) e Barbosa e Horn (2008), com fundamentos teóricos que oportunizaram elucidar a trajetória da abordagem de Malaguzzi, para o aperfeiçoamento da práxis docência.

PALAVRA CHAVE: *Reggio Emilia. Aprendizagem. Cultura. Espaço. Linguagens da infância.*

[1] Faculdades Integradas Campo-grandenses – FIC. Dianaslsilv@gmail.com
[2] Faculdades Integradas Campo-grandenses – FIC. Dimarinalima@yahoo.com.br

ABSTRACT:

The purpose of this article is to provoke the reader to reflect on the learning of children in the school environment in the first stage of basic education, inspired by the approach of the public schools of Reggio Emilia. The research was directed to seek to understand the bond exercised by the school space for the cognitive and expressive development of children in early childhood education, starting from the following questions: the environment in which the child is inserted enables the Knowledge building through cultural intersections? Is it influenced in the learning space for child development in daycare and preschool? What is the role of the teacher in the teaching and learning process? How not to intervene in the learning of the child? A bibliographic research was conducted, addressing authors such as Vygotsky (1999), Rinaldi (2012) and Barbosa and Horn (2008), with theoretical foundations that provided clarification of the trajectory of Malaguzzi's approach, for the improvement of the praxis teaching.

KEYWORD: *Reggio Emilia. Learning. Culture. Spaces. Childhood languages.*

_____

Introdução

Este artigo tem como objeto de o pensamento sobre a criança, em sua totalidade, no processo de ensino e aprendizagem na perspectiva da abordagem de Loris Malaguzzi. Propõe ao leitor o empoderamento da sua ação educativa de ensino, abordando a magnitude de uma aprendizagem significativa, a partir do encadeamento para o desenvolvimento do conhecimento, no qual a criança constitui-se o personagem principal desta abordagem. Busca-se compreender o vínculo exercido pelo ambiente escolar previamente pensado e organizado para o desenvolvimento cognitivo e expressivo da criança.

Para a elaboração deste trabalho, foram investigados os seguintes questionamentos: o meio no qual a criança está inserida possibilita a construção do conhecimento, através das intersecções culturais? Há influência do espaço de aprendizagem para o desenvolvimento da criança na creche e pré-escola? Qual o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem? Há como não intervir na aprendizagem da criança? Como unir a práxis à cultura? É preciso recriar circunstâncias que corroborem para a experimentação, de modo que estimule o conhecimento de forma espontânea. Segundo Rinaldi (2014, p.23):

> *As escolas são ambientes organizados que oferecem ao ser humano um espaço de vida. [...] lugares envolventes para crianças e adultos, acolhendo-os numa rede de relações em um campo de possibilidades criativas de expressão e de comunicações múltiplas". A experiência pedagógica de Reggio Emilia é uma história que vem perpassando mais de quarenta anos e que pode ser descrita como um experimento pedagógico em toda uma comunidade. Como tal, ela é única; até onde temos conhecimento, jamais houve algo assim antes.*

O professor deve se propor a investigar os caminhos para melhoria da qualidade de sua ação de ensino e da sua execução, procurando dar viabilidade ao rendimento e desenvolvimento da criança, a fim de promover a qualidade da sua estratégia de ensino. Para tal, precisa reavaliar sua prática de maneira transformá-la em práxis, além de buscar o aprimoramento da sua ação didática. É importante ressaltar o discurso de Loris Malaguzzi, quando diz que a criança é feita de 100 modos de pensar e de 100 maneiras de agir, mas que lhe retiram as noventa e nove quando há estruturação de práticas e modelos educacionais que omitem a cultura infantil e repassam valores e normas de

conduta predominantes. Outro fator que corrobora para isto é agir de modo descontextualizado e desconsiderando o conhecimento prévio para o repasse de conceitos e conteúdo, inclusive com uso exagerado de metodologias julgadas influente para sua formação.

1. Histórico Da Construção Da Linguagem No Brasil

A criança também deve ser considerada como um sujeito histórico e social que está inserido dentro de um contexto familiar e em uma sociedade, portanto, participante de cultura e fortemente influenciada pelo ambiente (sendo por ele motivado, através das interações que estabelece com outros indivíduos e pela troca entre seus pares).

Ao longo dos anos, a concepção de ensino para as crianças vem sendo alvo de inúmeros debates e estudos são produzidos em relação ao seu processo de desenvolvimento. Por muito tempo o sentimento de infância não era compreendido na sociedade e a criança era considerada como um adulto inacabado. Por volta do século VII, na Idade Média, a mesma ainda era vista pela população sem nenhuma função para sociedade antes do trabalho. Assim, as crianças pobres, conforme cresciam, eram destinadas para o trabalho, sem distinção entre maior ou menor idade e somente nobres recebiam instruções e ensinamentos para sua vida adulta.No século XII, não se notava a necessidade de uma instituição de ensino para proporcionar instrução a crianças e adolescentes, um local responsável para instruir conhecimentos e saberes. Somente a partir do Renascimento Italiano, no século XV, ocorre o primeiro incentivo para infância, identificando a criança como, de acordo com Passetti,

> *[...] um ser inacabado, vista como um corpo que precisa de outros corpos para sobreviver, desde a satisfação de suas necessidades mais elementares, como alimentar-se. Os primeiros anos de vida são para ela, o tempo das aprendizagens do meio que a cerca. Brinca com outras crianças da sua mesma idade e até maiores do que ela; arrisca-se em busca de saberes que lhe poderão ser úteis para viver em comunidade (S/a. p. 1-2)*

Tudo indica que a ótica em relação a criança estava baseada na forma de viver do adulto e o sentimento de um ser frágil e desprotegido não era constatado: apenas o fato de serem menores distinguia ambos. A visão da sociedade sobre a criança como um ser inacabado foi sendo incorporada à medida em que o vínculo afetivo do adulto passa a limitar critérios pertinentes sobre o conceito infantil. A natureza da infância foi se revigorando historicamente dentro de muitas mudanças ocorridas no âmbito familiar e social. No entanto, o início dessas mudanças no Brasil decorre vagarosamente.

A idealização do conceito de criança como um ser incompleto e indefeso foi desenvolvida gradativamente, colocando-a na condição de imatura, diferente do homem completamente desenvolvido. A configuração do modelo vigente de educação para infância é algo bem recente e a escola atual emerge com uma identidade assistencialista e protetora, sendo considerada responsável por cuidar e educar crianças. O modelo presente na educação para infância é o que transmite inúmeros saberes sem conexão com sua realidade e/ou cultura, dando-se como um ambiente formal para as práticas instrutivas e conteudistas.

A criança é marcada por auxílios e contradições que ultrapassam o campo legal das tradições culturais, embora a infância seja um campo abrangente para estudos e indagações.

Os autores Sarmento & Pinto (1997, p.11), ao discutirem as concepções de infância e criança, alegam que

> *as crianças existiram desde sempre, desde o primeiro ser humano, e a infância como construção social – a propósito da qual se construiu um conjunto de representações sociais e de crenças e para qual se estruturaram dispositivos de socialização e controle que a instituíram como categoria social própria – existe desde os séculos XVII e XVIII [...]*

As concepções construídas historicamente sobre a infância eram baseadas na perspectiva do adulto, ocultando a realidade social e cultural das crianças. O interesse histórico pela infância foi nascendo socialmente. A criança passou a ser considerada como um ser frágil, que carecia de cuidados e precisava ser ensinado e instruído. Cabia as famílias o compromisso para a sua socialização e treino para vida adulta.

Ao logo da história ocorreram grandes mudanças no modo de vida e a criança passou a ser centro de interesse.

Conforme afirma Vygotsky (1991, p.101),

> *A história do desenvolvimento do indivíduo nasce, do entrelaçamento das linhas das funções psicológicas elementares, de origem biológica e das funções psicológicas superiores, que são geneticamente socioistóricas. A aprendizagem tem a função de impulsionar os "vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros.*

O sentimento de infância busca dar significado aos processos de ensino – aprendizagem da criança. Houve mudanças no campo da educação, inserção no contexto social.

Para Rinaldi (2012, p.25) "a criança é reconhecida como um ser potente, capaz, construtor de perguntas, significados e teorias, sendo protagonista da construção do conhecimento e do processo educativo". Nessa perspectiva, pensar a educação para a infância exige uma abertura à complexidade.

A descoberta da infância vem acompanhada dos primeiros passos de uma sociedade que estaria caminhando para se tornar tutora de uma criança que, agora, era percebida como frágil, pois seus valores estariam relacionados com sua evolução intelectual.

No decorrer dos séculos ocorre o despertar sobre a criança, que passa a ser vista como um ser humano incompleto. Nas condições da época, a educação escolar era apenas de técnicas para aprender como fazer e ainda nessa época, notava-se a necessidade de um espaço para ensino, uma educação formal, para instrução de conhecimentos, como dispomos hoje nas escolas.

As transformações sociais e históricas constituídas pelas variações presentes em nossa sociedade aflora a imagem de infância acompanhada do capitalismo urbano e industrial, à medida que alternam o modo de vida e o papel social da criança vai ganhando espaço, tornando-se objeto de interesse no interior dos processos e modificações vigentes, no qual o pensamento de pequenez vai tornando-se alvo.As primeiras instituições destinadas à educação passam a existir como os primeiros espaços de ensino, tendo como objetivo a transmissão de saberes julgados necessários para formação do sujeito como preparo para o trabalho. Conforme apontam Moreira e Vasconcelos (2003, p.171)," [...] a escola tornou-se uma instituição fundamental na sociedade, quando a infância passou a ser vista como fase dotada de diferença, a ser institucionalizada, separada do restante da

sociedade e submetida a um regime disciplinar cada vez mais rigoroso".

A cidade de Reggio Emilia, localizada no norte da Itália, na Década de 1990, passa a ser conhecida mundialmente quando observadores norte-americanos divulgam a abordagem italiana como padrão em educação para a primeira infância. Propõem experiências significativas e simbólicas tanto para quem conduz o conhecimento quanto para quem o adquire. As crianças pequenas passam a ser ouvidas e podem se expressar e explorar seus desejos, sentimentos, entendimentos e desapontamentos verbalmente, visualmente e pela encenação dramática, como também a encorajar a fazer isso.

A abordagem busca dar significado a uma prática de aprendizagem significativa, e essa concepção é bem recente e tem sido rebatida por muitos educadores com posicionamentos divergentes a esta ação educativa. Esse novo conceito de aprendizagem e ensinamento foi intitulado de Pedagogia da Escuta, que foca na escuta da criança pequena, procurando-se entender a criança em sua totalidade. Contempla a condução para explorar as múltiplas formas de ouvi-las, utilizando mecanismos internos e externos, e as complicações, tanto igualitárias quanto político. Tal metodologia oferece um entrosamento mais profundo sobre a escuta como uma cultura e como uma abordagem.

Influenciado pelo trabalho desenvolvido por Malaguzzi, surge um novo modelo de espaço escolar para crianças pequenas, sem quaisquer sentimentos discriminatórios e assistencialistas, em que foi possível notar a descoberta de uma identidade cultural da criança desde a tenra idade. Este modelo de ensino se concentra na infância com princípios de respeito, compromisso e atuação da comunidade escolar e tornou-se um modelo enriquecedor para muitos profissionais de educação no Brasil e no mundo.

A exploração e a descoberta em um ambiente seguro e enriquecedor estão entre os pilares do programa educacional, que privilegia o desenvolvimento da criatividade e é pautado pelo respeito na relação com a criança pequena. As escolas em Reggio não têm um currículo delineado. A cada ano são acentuados projetos a curto e longo prazo que servem para composição do trabalho, mas que podem ser alterados conforme a necessidade tanto pelos professores como pelas crianças. Os docentes devem sempre estar cautelosos às crianças, como bons observadores e pesquisadores, permitindo que façam suas escolhas e, a partir delas, sentarem juntos para discutir e refletir. O educador aprende a escutar a criança não apenas o que ela diz com a boca, mas o que ela expressa através

de suas diferentes linguagens. Como apontam Barbosa e Horn (2008, p.118) é preciso "Escutar através da observação, da sensibilidade, da atenção, das diferentes linguagens".

Analisar a abordagem de aprendizagem da Pedagogia da Escuta passa a ser fundamental ao processo, sendo visível uma distorção muito grande da situação. Para tal abordagem, proposta por Malaguzzi, se propõem a sensitividade à criança, o ouvir ao que ela tem a dizer, sendo a mesma vista como produtora da sua própria cultura, dentro e fora do âmbito escolar. Mas a realidade social não corrobora para este modelo, que é antagônico a atual situação da educação no país. Apesar de se evoluir em métodos e técnicas, ainda há dificuldades de avançar em termos tecnológico e científico.

A medida em que grandes avanços chegaram em nosso território, contudo o acesso a uma educação de qualidade está restrito a uma pequena parcela da população. A educação, ainda hoje, atende uma minoria. A maior parte da população que é pobre possui pouquíssimas oportunidades para mudar sua realidade atual e essa desigualdade social e cultural, contribui para o crescimento da diversidade social.

No Brasil ainda é encontrado um vasto obstáculo a ser percorrido pela tamanha diversidade social e pelas influências culturais de outros povos. Porém, os educadores precisam buscar aprimorar a ação pedagógica para que este fator não seja empecilho para a formador de cidadãos pensantes. Tal tarefa não é fácil: o caminho, sem dúvida, é árduo, bastante trabalhoso, mas é preciso desprender dos velhos conceitos.

A criação de novos padrões para a prática didática, com um olhar atencioso para o desenvolvimento da criança em sua totalidade e para seus múltiplos talentos, revela a infância como código infantil repleto de expressões. As linguagens da infância estão relacionadas com os diferentes modos de aprendizagem da criança e descrevem as diversas maneiras de interpretar o mundo infantil, no qual a criança usa as linguagens como elementos para comunicar e expressar seu pensamento.

Deve-se ter o intuito de compreender as linguagens da infância e as condições que influenciam a educação no território brasileiro além de a necessidade de abranger as capacidades do desenvolvimento da criança em diferentes ambientes, para melhor entendimento da trajetória infantil e das múltiplas linguagens. Pesquisadores e educadores de diferentes partes do mundo, em busca de aprimoramento da prática educativa de forma consciente e democrática, promovem ações construídas coletivamente. Os mesmos

propõem experiências ao redor do mundo que dialogam com a experiência de Reggio, que influenciou fortemente a ideia de cultura da infância em vários países.

O direito de brincar da criança é estabelecido em vários documentos, como Declaração Universal dos Direitos Humanos, Declaração dos Direitos da Criança, Estatuto da Criança e do Adolescente, na Convenção sobre os Direitos da Criança e no Marco Legal da Primeira Infância (Lei 13.257).

Atualmente, no Brasil, o direito de brincar, infelizmente, não tem tido dificuldade de ser concretizado de fato em muitas escolas. Desde muito pequena as crianças têm sido inseridas no mundo adulto pelo excesso de informações e alto acesso e conexão com as Mídias. Por que motivo, elas têm perdido o direito à infância, pois a primeira etapa da Educação Básica tem sido considerada um espaço introdutório para o Ensino Fundamental, no qual muitas escolas, com intuito de garantir matrículas, promovem propagandas em massa com promessas fraudulentas de uma educação sólida, com excesso de conteúdos desconexos com a cultural da criança. Além disto, procuram iniciar o processo de alfabetização desde a creche, para que este aluno possa se familiarizar com os conteúdos que o seguiram em toda sua trajetória educacional.

Muitas instituições de ensino não se preocupam com a promoção do ensino a partir do que a criança já sabe, depositando inúmeros conteúdos, a fim de demonstrar qualidade de ensino. Muitos pais desconhecem as características de um ensino de qualidade real, sendo facilmente enganados pela propaganda em massa, por anúncios em outdoor de ensino forte, tradição de ensino, formação de qualidade para um futuro brilhante, entre outras ofertas anunciadas pela mídia e Marketing. Contudo, precisa ser salientado que a criança possui muita criatividade e diversas formas para se expressar e pensar. Malaguzzi (1999) menciona que as crianças têm 100 maneiras de se expressar e mais 100 formas de pensar, tendo potencial único. É preciso que o adulto a escute suas diferentes linguagens além de oportunizar distintas vivências sensoriais e exploratívas em diferentes espaços de aprendizagem. É importante trabalhar em equipe, em grandes e pequenos grupos, que interajam de modo que criem e solucionem problemas em seu cotidiano escolar, produzindo suas próprias brincadeiras, manuseando objetos e produzindo suas próprias hipóteses.

Outro fator que colabora diretamente para a qualidade da Educação Infantil é a ação

prévia do docente, no que se refere à realização das atividades, ao tempo utilizado nos espaços destinados para aprendizagem espontânea, ao gerenciamento das intervenções durante as atividades em grupo e individual. O professor deve construir um espaço que ao mesmo tempo acolha e desafie as crianças, com a proposição de atividades que promovam sua autonomia em todos os sentidos, impregnando de todas as formas de expressão artística e das diferentes linguagens que possam ser promovidas junto a elas.

No Brasil a cultura da infância foi bastante influenciada pelas ideias de Paulo Freire (2016), que instigou vigorosamente as concepções de educação no país, em busca do melhoramento da qualidade de um ensino democrático. Freire aborda a uma nova perspectiva dialógica, para educação em camada na construção social a partir da produção de cultura entre os sujeitos, entrelaçados com seu convívio social, através das relações entre si e a sociedade global. Mas as reflexões filosóficas acerca da participação enquanto princípio e ação cotidiana englobam a criança como sujeito histórico, construtora e praticante de cultura.

> *O ato de ensinar exige diagnóstico e a aceitação da identidade cultural, em que é possível assumir-se como um ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos e capaz de externar diferentes sentimentos. Assumir como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a "outredade" do "não eu", ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu (FREIRE, 2016, p.42).*

Ainda segundo este autor, a identidade cultural é ascensão de nós por nós próprios e as atuações e relações do sujeito geram e promovem a sua própria cultura pelo contato social, no meio humano pela expressão da historicidade. A criança, em tenra idade, é conduzida direção ao meio social, contando com outro ser para adentrar em seu ambiente comum. Conforme vai adquirindo independência motora, alcança algum tipo de linguagem e vai conquistando cada vez mais outros recursos para interagir com o mundo e a cultura que a rodeia. A cultura da infância é um percurso que se inicia desde o nascimento e vai sendo construída pelo contato com outros sujeitos e pela troca com outros parceiros mais experientes, que seriam os agentes condutores do saber, os quais fornecem deliberados signos e significados.

Em 2006, foi fundado a RedSOLARE Brasil, uma associação latino-americana em defesa da cultura da infância e de difusão da prática de Reggio Emilia, visando a

permanência de um fórum de diálogos, em que educadores de distintas partes do mundo dialogam com suas ideias e experiências, em defesa da infância, estabelecendo trocas de experiências. Também compartilham saberes que visem a qualidade do ensino e uma prática inclusiva para todos, em que promovam ações com amplo debate envolvendo a pedagogia da escuta.

2. Espaço da educação infantil: ambiente de aprendizagem e cultura

A criança. desde seu nascimento, vai se instituindo em situações nas quais constrói e desconstrói contextos do cotidiano a que pertence, criando e recriando as relações com a sua própria percepção e lógica. A partir deste comportamento é notório que a mesma é influenciada pelo meio social e pelas situações reais nas quais está integrada. Horn (2004), afirma ser essencial lhe ser proporcionado um ambiente repleto de elementos com os quais possa imaginar, inventar, elaborar e, em especial, brincar, sendo disponibilizado respeitando a sua faixa etária. O espaço de aprendizagem não é algo dado, natural, mas sim construído. Podemos, assim, dizer que o espaço escolar é um construtor social de estreitas relações e atividades desenvolvidas por todos na instituição. Enquanto a criança brinca interpreta papéis do mundo adulto e vai se apropriando da cultura, onde também produz seu próprio conhecimento sobre o diferente e de si mesma. Aprende enquanto se relaciona com as outras, desconstruindo e reformulando sua genuína hipótese.

A cultura como um processo de desenvolvimento infantil foi inaugurada por Vygotsky, que desvelou a influência da cultura e das relações sociais para a aprendizagem que ocorre em diferentes estágios do desenvolvimento da criança. Além de investigar os meios biológicos que originam a conduta, verificam também como modificam as funções psíquicas que constituem o comportamento humano no seu desenvolvimento. Vygotsky (1995) postula que o desenvolvimento infantil constitui uma unidade dialética entre duas linhas genéticas – o desenvolvimento biológico e o cultural. Trata-se, portanto, de um processo único de formação biológico-social da personalidade da criança, mas não de

uma simples "mistura" entre o plano biológico e o social. No homem, o desenvolvimento cultural se sobrepõe aos processos de crescimento e maturação orgânica, pois na medida em que o desenvolvimento orgânico se produz em um meio cultural, ele converte-se em um processo biológico sócio historicamente condicionado.

A palavra cultura, na proposição vygotskyana, refere-se à totalidade das produções humanas, isto é, a tudo aquilo que se contrapõe ao que é dado pela natureza, que resulta da ação criadora e transformadora do homem sobre a natureza. A transformação da natureza e do ser humano implica também na alteração de sua própria natureza, surgindo, assim, historicamente, a partir da sua ação social humana, novas formas de comportamento e novos processos psicológicos especificamente culturais. Essa não é uma capacidade biologicamente determinada, mas uma conquista histórica e cultural da espécie humana, que deve ser apropriada pelos indivíduos em seu processo de vida. Dessa forma, a criança apropria-se do patrimônio cultural, que se dá precisamente por meio da ação da criança: ela deve reportar a ação adequada aos objetos da cultura (material e não material). A mediação do adulto se mostra ativa nesse processo, tendo em vista que a atividade apropriada não se forma espontaneamente na criança, mas pelo contato direto e imediato com os objetos da cultura.

Para apropriação do processo cultural e histórico do ser humano, a criança deve estar em convívio com o meio cultural a que pertence, através de outros adultos, em condições proporcionadas para promover a apropriação dos signos culturais. Embora em tais objetos estejam encarnados os modos de ação e as faculdades humanas historicamente elaboradas, é necessária a mediação de outros homens para que se concretize o processo de apropriação.

> *As aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente dadas aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas são aí apenas postas. Para se apropriar destes resultados, para fazer deles as suas aptidões, "os órgãos da sua individualidade", a criança, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através de outros homens, isto é, num processo de comunicação com eles. Assim, a criança aprende a atividade adequada. Pela sua função, este processo é, portanto, um processo de educação. (LEONTIEV, 1978, p.272)*

No entanto, o grande desafio dos dias atuais é exatamente assegurar que a criança, enquanto sujeito produtor de cultura, seja autor do seu próprio conhecimento. Para tal é

necessário que os educadores, na qualidade de formadores, propiciem um ambiente de ensino que torne visível a aprendizagem através da cultura, para que cada sujeito se torne coautor e produtor de conhecimento a partir do que já sabe, potencializando o desenvolvimento autônomo através de saberes necessários para sua formação. Tais fatores são importantes para o espaço escolar que elege a espontaneidade para construção do saber.

> *O espaço não é algo que emoldure, não é simplesmente físico, mas atravessa as relações, ou melhor, é parte delas. E é sobre relações que se fala quando o assunto é educação. O professor é um mediador de diferentes relações: entre as crianças e o saber, entre as crianças e o mundo que as cerca, entre elas mesmas, entre elas e o mundo imediato etc. A noção de mediação não é simples. Não significa que o professor está "no meio de todas relações", ou que elas não ocorram sem ele, mas que ele intervém e organiza o ambiente para que as relações e as aprendizagens possam ser otimizadas (HORN, 2004, p.9)*

Estudos recentes comprovaram que a organização do espaço escolar previamente pensado e planejado impacta fortemente a aprendizagem: as cores, os sons, os sabores e aromas, como também, acomodação confortável e a organização do mobiliário e, especialmente, o que possibilita interação entre os pares, são aspectos decisórios para o processo de desenvolvimento e aprendizagem infantil. Pensar na estrutura deste ambiente é pensar como este meio poderá influenciar na construção do conhecimento. Segundo Rinaldi (op. cit, p.77)

> *[...] O ambiente escolar deve ser um lugar que acolha o indivíduo e o grupo, que propicie a ação e a reflexão. Uma escola ou uma creche é antes de tudo, um sistema de relações em que as crianças e os adultos não são apenas formalmente apresentados a organizações, que são uma forma da nossa cultura, mas também a possibilidade de criar uma cultura. [...] É essencial criar uma escola ou creche em que todos os integrantes se sintam acolhidos, um lugar que abra espaço às relações.*

Durante o andamento do dia-a-dia o professor necessita estar atento às relações e interações em sala de aula, estreitando as afinidades e afetividade entre ele e as crianças, devendo trabalhar para promover e ampliar a formação social da criança. Desta maneira pode-se dizer que o educador deve interagir com as crianças enquanto participam das refeições, brincadeiras, troca e transições de tarefas, apoiando-se nos eixos para Educação Infantil e tornando o ambiente escolar de fato um lugar que produz conhecimento em todos os espaços.

> *[...] Oferecer às crianças uma memória concreta e visível do que disseram e fizeram, a fim como um ponto de partida para os próximos passos na aprendizagem; [...] Oferecer aos educandos uma ferramenta para pesquisas e uma chave para melhoria e renovação contínuas; e oferecer aos pais e ao público informações detalhadas sobre o que ocorre nas escolas, como um meio de obter suas reações e apoio. (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999, p. 25)*

Refletindo sobre as considerações dos autores citados, observa-se que ainda hoje o cenário no Brasil continua desigual em muitas creches e pré-escola, ficando claro que nem todos compreendem a importância do meio escolar como um ambiente fomentador do conhecimento. É possível constatar que não há pouca preocupação com o acolhimento integral da criança, sendo contraditório aos eixos norteadores para Educação Infantil, que valoriza a cultura da infância e as múltiplas formas de expressão infantil, sendo a criança o ponto central. Embora nos últimos anos o Brasil tenha acrescentado investimentos em Educação Infantil, o plano de investimento está abaixo da média. Pelo Plano Nacional de Educação (PNE), o Brasil tem que expandir o atendimento para 50% das crianças de até 3 anos de idade até 2024, mas o país investe apenas uma parcela do Produto Interno Bruto (PIB) no seu gasto público total em educação.

O investimento em Educação Infantil é essencialmente importante para uma nação. Isto implica em benefícios e acréscimos para toda a vida, pois, tornando-se uma base solida para competências e aprendizagens, e para o desenvolvimento de saberes e relacionamentos, ao criar uma base segura para primeira infância, permitirá desde a tenra idade influenciar no desenvolvimento da criança, contribuindo para uma formação de uma sociedade igualitária, proporcionando a futuros adultos mais conscientes do seu papel social, formando-os para o exercício da cidadania.

As salas de aula devem possuir ambientes desafiadores para que as crianças possam explorar e vivenciar diferentes percepções. Devem estar disponíveis diferentes materiais para manipulação: tecidos, fantasias, giz de cera, lápis de cor, canetinhas, lápis grafite, jornais, revistas, papeis diversificados, tampinhas, com cores e tamanhos distintos, pedaços de pano possuindo diferentes sensações de texturas e tamanhos (liso, pequeno, áspero, grande, mediano, macio, duro) e por meio das sensações, construa e reconstrua. O espelho também é um recurso essencial, assim como velcro, argolas, sementes, botões, colas coloridas, tintas, elementos da natureza: folhas, galhos, terra, argila, areia, entre outros, que possam ser disponibilizados.

Estes recursos apresentados precisam ser manuseados na presença do educador, para que este possa mediar o melhor aproveitamento destes objetos, elaborando o uso dos recursos nas atividades, de acordo com a faixa etária do grupo escolar.

> *Conforme consta no art.4 da Constituição Federal Brasileira, a criança deve ser o centro do planejamento curricular, sendo visto como sujeito histórico e de direitos que nas interações, relações e práticas cotidianas vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASI,1988)*

O tempo no ambiente escolar precisa ser utilizado para o desenvolvimento da aprendizagem, na construção do conhecimento da criança. O tempo das atividades e de troca das mesmas deve ser bem utilizado para não gerar insatisfação na criança, que precisa de condições para o seu desenvolvimento. Para tal, é necessário transformar os lugares destinados às atividades lúdicas, distinguindo, a importância da ludicidade para o desenvolvimento humano. Nesse sentido, é importante destacar o valor educativo em todos os lugares do espaço escolar. Um exemplo é a hora do lanche, que muitos educadores não percebem como uma oportunidade de conhecer melhor a criança, que muitas vezes fala muito alto durante o lanche, não se concentra, não interage com o grupo e recusa o alimento oferecido, expressando suas e emoções e frustações, como também, demostra como andam suas relações familiares.

Ao planejar a rotina, o professor deve priorizar um planejamento flexivel, que acompanhe os processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança de forma acolhedora, com ações acompanhadas da organização do tempo e espaço a serem utilizados, para garantia da qualidade do ensino que estimule a investigação e as capacidades de cada criança, fazendo a se sentir integrante do ambiente. A rotina das crianças dentro do espaço escolar apoia o desenvolvimento da aprendizagem, por meio das situações previamente estabelecidas para o percurso diário. Uma rotina desafiadora é composta por situações-problema que desafiam o pensamento, provocam novos saberes, induz autonomia e as habilidades por exemplos: cultural, social, afetivas e cognitivas.

De acordo com o Caderno de Planejamento na Educação Infantil (2011).

> *[...] A rotina envolve todas as ações de cuidar e educar e, portanto, precisa pulsar em vários ritmos. Precisa ser espaço de alegria, prazer, descobertas, viagens... As crianças necessitam ter espaço para mexer-se, locomover-se, brincar, criar, falar, ouvir... A alternância entre a vivência de atividades -*

> *calmas e ativas – e as modalidades de interação – coletiva, em pequenos grupos ou em duplas, proporcionará uma dinâmica de trabalho própria do grupo.*
>
> *Nesse sentido, também se deve considerar a alternância entre atividades de mesa e as de chão, assim como o trabalho em diferentes espaços da instituição – área externa, refeitório (em momentos ociosos), sala de leitura etc.*
>
> *Sendo assim, o preparo das atividades deve sempre ser pensado e aprontado para a integração das ações do professor com os alunos e dos alunos com o professor, sendo uma relação de troca entre todos, consiste na preparação de uma rotina que conduza melhor a utilização do tempo das atividades e da troca entre as mesmas, professor deve intermediar a utilização dos espaços de aprendizagem, os momentos de transição entre as atividades, os momentos livres para as crianças interagir entre elas. É importante conduzir as interações e a participação de todos em brincadeiras, proporcionando experiencias centrada na criança, integrando brincadeiras tradicionais para interação em grande grupo e pequeno grupo, ampliando as áreas de conhecimentos infantil através de brincadeiras que podem ser realizadas em áreas externas (pátio, quintal, quadra de esporte, etc.) como também podem ser praticadas em sala de aula, compondo o repertório dos campos de experiencias da Base Nacional Comum Curricular, em consonância com os eixos norteados da EI .*

Ao planejar, o professor precisa refletir sobre sua ação e o seu modo de executar sua atividade profissional em sala de aula, bem como em todos os espaços do ambiente escolar sendo essencial avaliar o que foi realizado e o que as crianças alcançaram diariamente. Antes de definir o que fará em seguida, nos vários momentos do dia, o professor deve assumir uma postura de um processo de constante análise reflexiva sobre o proposito e a eficácia daquilo que planejou. Deste modo, ele viabiliza tanto os avanços das crianças, como aprimora a sua ação didática.

A infância é caracterizada como um período de desenvolvimento do ser humano, que vai do seu nascimento ao início da adolescência. A primeira fase da criança, que é a primeira infância, acontece da nascença até seu quinto ano de vida. É o nascimento a lacuna que se abre para o desenvolvimento do ser social e para as janelas do conhecimento, das experiências e grandes descobertas que formaram seus conceitos e crenças, como também influenciará seu estilo de vida e comportamento na sociedade. E a cultura cumpre um papel efetivo na forma como a criança vê e interpreta o mundo ao seu redor. A cultura e a criança são estudadas dentro do contexto histórico.

> *A cultura da infância dá-se no meio social e cultural no qual está pertence, sendo o meio escolar o potencializador destas modificações de cultura para*

> *infância. A infância é, simultaneamente, uma categoria social, do tipo geracional e um grupo de sujeitos ativos, que interpretam e agem no mundo. Nessa ação estruturam e estabelecem padrões culturais. As culturas infantis constituem, com efeito, o mais importante aspecto na diferenciação da infância. (SARMENTO, 2007, p. 36)*

A cidade de Reggio Emilia é reconhecida mundialmente pelas creches e pré-escola como um espaço de grande interesse cultural singular para as crianças pequenas, onde se constituem um modelo de "espaço relacional" destinado para desenvolver expressivas aprendizagem na infância. Segundo Malaguzzi (1999) a escola é um organismo dinâmico e inexaurível. Como tal, o espaço de desenvolvimento infantil precisa estar atento às formas com as quais as crianças apreendem e como se apropriam da cultura, qual a relação com o meio, o modo que ocorrem as interações e troca entre seus pares e, a relação que a brincadeira exerce enquanto atividade culturalmente e socialmente construída.

A criança é um ser em desenvolvimento, sua brincadeira vai se estruturando com base no que é capaz de fazer em cada momento. Isto quer dizer que ela, aos seis meses e aos três anos de idade, tem possibilidades diferentes de expressão, comunicação e relacionamento com o ambiente sociocultural no qual se encontra inserida.

Ao longo do seu desenvolvimento as crianças vão construindo novas e diferentes competências, no contexto das práticas sociais, que irão lhes permitir compreender e atuar de forma mais ampla no mundo. A produção cultural, por parte da criança, é efetivada no meio social e cultural do qual ela pertence, erguida nas extensões relacionais da criança com a criança e da criança com o adulto. A criança é, pois, produto e produtor da cultura. Com isto, aceitar a criança como produtora de cultura é conhecer suas expressões nas mais variadas linguagens, como possibilidade de as crianças se adentrarem no mundo.

Segundo Faria (1999, p. 98) "a criança não só depende e consome a cultura do seu tempo como também produz cultura, seja à cultura infantil de sua classe, seja reconstruindo a cultura à qual tenha acesso." O fato de a criança não falar, ou não escrever, ou não saber fazer as coisas que os adultos fazem, transformam-na em produtora de uma cultura infantil, justamente através dessas especificidades.

A cultura está inserida em nosso meio social e nos espaços que reproduzem seus símbolos e signos, que não são inventados ou idealizados pelo sujeito, mas apreendido por ele. Esse processo inicia-se desde o nascimento da criança e vai se constituindo com as relações e a troca com outros parceiros mais maduros, os quais lhe forneçam

deliberados conceitos. A infância aparece como um espaço propício para esta forma de expressão e a cultura funciona como um instrumento para o processo de aprendizagem para o desenvolvimento infantil, sendo aberta uma janela de saberes culturais riquíssimos culturais presentes no Brasil.

Darcy Ribeiro (1972, p.93) assegura que:

> *[...] cultura é a herança social de uma comunidade humana, representada pelo acervo coparticipado de modos padronizados de adaptação à natureza para o provimento da subsistência, de normas e instituições reguladoras das reações sociais e de corpos de saber, de valores e de crenças com que explicam sua experiência, exprimem sua criatividade artística e se motivam para ação.*

Nossa herança cultural é histórica, pertence ao patrimônio nacional, é viva e rica de novas possibilidades para a prática pedagógica. É repleto de canções e muitas narrativas históricas de um povo plural, repleto de variações linguísticas, lendas, parlendas e histórias de uma gente tão sofrida sofrimento narrado em cantigas, até mesmo em brincadeiras. O popular é arte, é a expressão de um povo e folclore, onde a tradição dos costumes e as experiencias vivas de povo multicultural é a essência, é a raiz de tudo. Uma nova forma de provocar o saber através da exploração cultural, o conhecimento sendo ofertado de forma significativa para processo de aprendizagem, utiliza a cultura popular brasileira como a gênese geradora de ideias para o campo educacional, expandindo as formas de ensinar e aprender através das expressões sociais, se apropriando da cultura produzida em nosso território, sendo participante e integrante deste processo.

3. O papel do professor na construção da linguagem, da escrita e da cultura

Através deste estudo sobre o processo de conhecimento do indivíduo, que inicia na primeira infância, é percebido que a criança reproduz e repete gestos por imitação, utilizando expressões faciais, imitindo seus primeiros sons, começando a balbuciar. As primeiras palavras vão surgindo a partir do convívio com outros adultos e pelo contato

com outras crianças, que já dominam a fala ocorrendo um conhecimento empírico, agregado pela experiencia e cultura do outro indivíduo.

A língua oral constitui um alicerce linguístico substancial para o desenvolvimento das capacidades humanas, como o ato de ler e escrever. Segundo os autores Carvalho, Lemos e Goutart (2015), os primeiros anos de vida da criança são considerados os mais importantes para o desenvolvimento das habilidades de linguagem. Esse ocorre por etapas e está relacionado aos contextos linguístico e situacional. O adulto tem papel preponderante, pois fornece instrumentos para o desenvolvimento da comunicação. No desenvolvimento da linguagem, há diferenças individuais, tanto no processo de aquisição quanto na velocidade e qualidade. Assim, esse desenvolvimento é complexo e depende de uma série de fatores, que compreendem desde a maturação neuropsicológica, afetividade, desenvolvimento cognitivo, até contextos nos quais a criança está inserida.

Para Vygotsky (1989, pág.40) "Nós nos tornamos nós mesmos através dos outros". O processo de aquisição de conhecimento se dá a partir das interações com outros e com os objetos, processo esse intermediado por artefatos físicos e ferramentas simbólicas, criados pelo homem para servirem de mediadores. A mediação é, portanto, condição necessária para o desenvolvimento do sujeito.

Torna-se importante a influência do meio escolar sendo este um mediador do desenvolvimento da linguagem oral e da escrita da criança dentre outras habilidades. Dentro do espaço escolar o comportamento da criança vai se constituindo pelo contato com os adultos, e outras crianças, onde o conhecimento do outro é compartilhado pelas interações, pelo conhecimento da língua propriamente falada, da língua escrita, das reflexões ligadas aos campos cognitivos.

Para Kuhlmann (2001, p.31),

> *[...] precisamos considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto de experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação dos adultos sobre esta fase da vida. É preciso conhecer as representações da infância e considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais etc., reconhecê-las como produtoras da história.*

Incorporando a perspectiva da abordagem de Malaguzzi, onde a ideia central para o desenvolvimento da tenra idade está baseada na totalidade da criança, no qual ela deve ser mediada pelo professor que deve ser o condutor deste processo. Toda comunidade

escolar deve participar ativamente no processo de aprendizagem das crianças, refletindo sobre o aprender e ensinar, concordando que as crianças podem construir sua aprendizagem. Malaguzzi retoma outras características das pesquisas de Piaget, com as quais não havia divergência.

> *[...] alertou-nos de que deve ser tomada uma decisão sobre ensinar esquemas e estruturas diretamente ou apresentar à criança situações ricas de solução de problemas, nas quais a criança aprende ativamente a partir delas, no curso da exploração. O objetivo da educação é aumentar as possibilidades para que a criança invente e descubra. As palavras não devem ser usadas como um atalho para o conhecimento. Como Piaget, concordamos que o objetivo do ensino é oferecer condições para a aprendizagem (EDWARDS, FORMAN E GANDINI, 1999, p. 93).*

Malaguzzi (1999), inspirando-se na teoria de Piaget, cujo objetivo do ensino é disponibilizar situações de aprendizado, percebe a debilidade quando esta conjectura é descontextualizada e afasta a criança. Deste modo procurou buscar novos caminhos experimentando outro conceito de aprendizado para as crianças, por meio de inter-relações, implementando o contexto sociocultural. Propõe a construção de um ambiente que permita a correlação e interação, no qual a criança vai construindo o seu conhecimento de mundo apropriando-se das linguagens, dos códigos de condutas e da cultura.

> *[...] a ideia de um processo que envolve, ao mesmo tempo, quem ensina e quem aprende não se refere necessariamente a situações em que haja um educador fisicamente presente. A presença de outro social pode se manifestar por meio dos objetos, da organização do ambiente, dos significados que impregnam os elementos do mundo cultural que rodeia o indivíduo. (OLIVEIRA 2002, p.57)*

Desse modo, o papel do professor dentro do espaço escolar é necessariamente intermediar e aguçar a curiosidade da criança, a fim de que seus pensamentos, sentimentos e ações, produza interpretações e aprenda pela experiência com plena satisfação. Conforme ocorre em Reggio, esta abordagem é aberta para as reflexões da sua ação, dentro das perspectivas dos campos cognitivo, afetivo e simbólico, explorando e criando no grupo, sempre permanecendo abertos as mudanças.

Com a intenção de construir uma escola acolhedora, na qual as crianças, professores e a famílias se sintam em casa, há uma preocupação com o planejamento, as motivações e interesses, defendendo que se deve abordar os interesses dos três protagonistas: a criança, professor e os responsáveis. Sendo assim, contribui-se para a estruturação de uma

educação que visa o relacionamento e a participação de todos que fazem parte deste ambiente. “As crianças assumem um papel ativo na construção e aquisição da aprendizagem e da compreensão. (EDWARDS, FORMAN E GANDINI, 1999,pág.98).

Ao ingressar do ambiente escolar, a criança passa por demandas do sistema de educação onde é exposta a um conjunto de normas e regras da instituição e metodologia de ensino. No entanto, é preciso compreender quais os fatores que evidenciam os resultados destas demandas do sistema formal e qual o lugar de objeto de desejo da criança pelo conhecimento.

Identificar o papel do professor neste processo significa reavaliar sua postura educativa, reconhecer o desejo da criança, evidenciar os resultados da ação pedagógica, avaliar e reavaliar sua prática educativa, apontando os resultados positivos e negativos.

Os projetos de pesquisa “Project Spectrum” e “Arts PROPEL” ligados à “teoria das inteligências múltiplas” pesquisaram durante 3 anos o processo de aprendizagem das crianças de Reggio, buscando compreender os fatores que possibilitam o desenvolvimento do conhecimento, explorando a variedade de inteligências para o seu próprio compreendimento e dos outros sobre o tema “ensinar para a compreensão”.

Segundo Rinaldi (2014, p. 78)

> *[...] Os pedagogistas de Reggio Emilia nunca se contentaram com os modelos previsíveis de aprendizagem. Ao desenvolver corajosamente as enormes potencialidades perceptivas e cognitivas das crianças e o forte estímulo delas a aprendizagem, os pedagogistas as ajudaram a explorar profundamente as áreas que interessam a elas[...].*

A pesquisadora percebe que a expectativa desta abordagem são creches e pré-escolas como lugares de cultura, onde a criança possa ter a liberdade para expressar suas múltiplas linguagens e a sua própria cultura, sendo a criança protagonista do seu próprio conhecimento. Mas isto não quer dizer que a criança não terá tarefas e atividades destinadas para sua aprendizagem, pelo contrário, terá um conjunto de procedimentos que o acompanhará dentro do espaço escolar, onde o professor deve organizar seu planejamento pensando no interesse da criança, para que esta sinta prazer de participar e interagir com a proposta ofertada pelo educador.

> *Desse modo, vieram a adotar uma perspectiva social construtora, na qual o conhecimento é visto como parte de um contexto dentro de um processo de produção de significados em encontros contínuos com os outros e com o*

> *mundo, e a criança e o educador são compreendidos como construtores do conhecimento e da cultura. Tal perspectiva permitiu aos educadores de Reggio Emilia abrirem-se para os preciosos insights sobre o psicólogo russo Lev Vygotsky (RINALDI, 2014, p. 28).*

Consequentemente, é possível observar que a prática se dispõe a dar significado para a aprendizagem da criança, com situações contínuas de explorar, brincar e vivenciar, com encontros significativos para produção do saber pelo intermédio do educador, que deve produzir satisfação da criança, que deve ser a protagonista desta ação.

Desta maneira, o professor deve planejar sua ação para análise dos resultados desta proposta, onde o objeto de interesse é a criança. Infelizmente ainda são encontrados alguns profissionais de educação que somente transferem o conteúdo escolar já existentes e em tempo livre, no ambiente escolar, para brinca. Não estão acessíveis, muitas vezes, materiais e recursos para que as crianças criem suas próprias hipóteses. Por que motivo, é perceptível o desinteresse das crianças neste tipo de metodologia.

Como afirma Freire (1996, p.25), "o ato de ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou construção".

> *Para este educador, a interrelação professor aluno é primordial: " a construção do conhecimento deve ocorrer na relação entre professor e aluno. quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. A ação docente deve ser intermediada por uma prática reflexiva, onde o educador constrói e reconstrói sua prática permanentemente em sala de aula. (Ibid)*

Mas o grande desafio da educação na contemporaneidade, consiste em aprender a aprender como os alunos adquirem conhecimento. Esse processo de reaprender consiste em ressignificar sua ação, a maneira de ensinar. Esta nova concepção de aprendizagem trouxe muitos reforços para a prática do professor, cujo papel constitui ensinar a criança a ler o mundo, aprendendo interpretar e solucionar situações do seu cotidiano, antes mesmo de alfabetizar a criança dentro de um determinado contexto. O papel do professor, segundo Huertas (2001), não é o de influenciar o aluno quanto às suas habilidades, conhecimentos e atitudes, mas o de facilitar a construção por parte deles do processo de formação. Frente a essa ideia, o professor o influenciará no desenvolvimento da motivação da aprendizagem. Para o autor, quanto mais consciente for o professor com relação a motivação, melhor será a aprendizagem de seu aluno.

Quando o ato de educar permite a "liberdade para imaginação". A ação criadora

propõe novos caminhos para a aprendizagem e tudo pode se tornar uma grande descoberta para as novas possibilidades: são as janelas abertas para o conhecimento.

A descoberta de novos direcionamentos para o desenvolvimento da criança possibilita um mundo gerador de oportunidades dentro do espaço cultural e no meio escolar, possibilitando aguçar os sentidos para uma educação que se propõem a tornar a ação educacional prazerosa, tornando mais claro a aprendizagem para a criança. O contato com projetos pedagógicos e trabalhos gráficos beneficia a construção do conhecimento de forma significativa, norteando os caminhos para uma prática que viabiliza as experiencias e o conhecimento prévio do aluno.

Em geral, o professor precisa se disponibilizar, afastando-se da ação rotineira, em que, os educandos são abordados com atividades para transmissão de conteúdo. É preciso buscar superar esta abordagem tradicional conteudista de forma que se possa ressignificar a prática. Segundo Malaguzzi (1999), quanto mais amplo for a gama de possibilidades que se oferece as crianças, mais intensas serão suas motivações e mais ricas suas experiencias. É necessário oportunizar a construção da aprendizagem da criança de diferentes maneiras: pelos sentimentos, imaginação e pelas representações gráficas, pelas linguagens simbólicas que colaboram para o desenvolvimento das percepções e permitem ao educador observar a representação visual da criança.

> *Para os educadores de Reggio, a manipulação e modelagem de esculturas e os murais funcionam como fontes vivas para a aprendizagem e o desenvolvimento. Elas as são como recursos para uma exploração adicional e para um maior aprofundamento do conhecimento sobre o tópico. Educadores de Reggio Emilia referindo-se a essas representações visuais como linguagens gráficas, falam sobre crianças que "leem" os seus próprios desenhos e os de outras crianças. As crianças transcrevem os comentários gravados e as discussões entre elas próprias no trabalho; com esta documentação, os desenhos são "lidos" e "relidos" pela equipe de professores como uma base para o planejamento das próximas etapas na exploração do tópico (EDWARDS, FORMAN E GANDINI, 1999, p. 43).*

Contudo, devemos enfatizar que a primeira fase da infância a educação infantil não é uma preparação para os anos iniciais. Nesta fase, a criança deve brincar, correr, interagir, vivenciar situações de aprendizagem e participar de experiencias significativas. Durante esta primária fase o trabalho do professor consiste em despertar na criança o prazer pela leitura, no qual busquem uma ação didática que supere o fracionamento e a representação de conteúdo programático. A escola deve ser um espaço afável e seguro,

que oportunize a criança ampliar seu repertório cultural por meio de experiências significativas, produzindo as suas próprias concepções e compreensão do mundo ao seu redor. A execução do professor na alfabetização da criança dentro deste contexto, precisa ser através de práticas de letramento. É durante este processo que o professor carece despertar na criança o gosto pela leitura, a partir deste momento cabe ao docente trabalhar com diferentes textos, apropriando-se também da ludicidade, de forma que esta abordagem se transforma em aprendizagem. É importante perceber que na construção de práticas de alfabetização, para levar os alunos a pensar sobre o Sistema de Escrita Alfabética e a compreender os princípios que o constituem é necessário diversificar as atividades, escolhendo propostas que exijam diferentes demandas cognitivas e que mobilizem diferentes conhecimentos (BRASIL, 2012, p. 31).

4. Pesquisa e Campo

O artigo aborda a relevância da cultura da infância e a influência cultural dentro do ambiente escolar para o desenvolvimento da aprendizagem bem como a influência do meio escolar para a formação da identidade do sujeito histórico, a relevância do convívio social e as interações dentro do espaço escolar como um caminho para novos saberes, ressaltando a importância da exploração do conhecimento prévio do aluno.

É importante perceber as linguagens da primeira infância com seus símbolos e signos. Com breves registros da tenra idade e a abordagem de Malaguzzi, envolvendo a perspectiva da abordagem das escolas públicas de Reggio e Emilio, que inspira educadores a um novo olhar para a prática, descentralizando a figura do professor, tornando a criança protagonista para uma nova possibilidade. Configura-se uma nova perspectiva para a aprendizagem da criança, que resulta na inovação da práxis do professor pesquisador para um novo olhar para o ensino de crianças na creche e pré-escola, conectando as linguagens da infância com a cultura e aguçando a criatividade com a Pedagogia da Escuta.

> *[...] criaram espaços em suas creches e pré-escolas que refletem sua cultura e as histórias de cada centro em particular. Esses espaços tendem a ser*

> *agradáveis e acolhedores, contando muito sobre os projetos e atividades, sobre as rotinas diárias e sobre as pessoas grandes e pequenas que fazem da complexa interação que ocorre ali ser algo significativo e alegre (Ibid,p. 147).*

Para conclusão foi realizado um trabalho de campo, em uma instituição privada, no bairro do Recreio dos Bandeirantes, no Município do Rio de Janeiro, sendo observada a proposta de Malaguzzi com crianças da pré-escola, sob a supervisão da coordenação pedagógica da escola juntamente com uma professora regente de turma. Houve uma participação integral da rotina diária nos turnos da manhã e da tarde, totalizando 21 crianças de 5 anos de idade.

A abordagem neste espaço escolar está pautada na aprendizagem da criança, onde o foco central é abordar a cultura popular do Brasil. A escola oferece na grade curricular aulas de cultura popular, como também vem abordando a identidade cultural brasileira como aplicabilidade para a aprendizagem na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

A concepção do tema acometido foi vivenciada deste ambiente escolar no período de 6 meses, com análise da ação pedagógica da professora regente e vivencias na rotina escolar, em que foi dada a oportunidade de participar da elaboração do planejamento semanal da turma e executar tarefas com as crianças, como preparação de atividades dos projetos pedagógicos pautados no conhecimento preliminar da criança, para oportunizar a autonomia e construção de aprendizagens significativas.

O pilar de ensino para o desenvolvimento da criança deste espaço consiste na construção da identidade cultural da criança, com a realização de trabalhos que deixem clara a identidade no cotidiano nas crianças, por meio de projetos e diversos trabalhos como: atividades gráficas, murais, trabalhos artísticos, atividades externas e internas (passeios de campo, atividades externas e internas dos espaços de terra, areia e pomar), desenhos e projetos de longo e curto prazo, como apontam ao documentos legais para Educação Infantil.

O ano inicia com vivências sensoriais e exploratórias no contato com o Projeto Natureza – Fenômenos da Natureza, no qual foi selecionada para a turma do Pré II, as vivências sensórias, explorando as múltiplas linguagens da criança com a natureza e seus fenômenos naturais como a chuva e os estados da água. Explora-se de várias maneiras os

recursos naturais para possibilitar as crianças, no espaço da escola, produções artísticas, com diferentes materiais, como tinta guache, aquarela, tintas naturais, variadas texturas de papéis, jornais e revistas. Entende-se a necessidade de ampliar os recursos para o desenvolvimento das crianças aumentando o seu repertorio cultural de forma que aprecie as suas obras e a do outro.

Aproxima-se da prática de Loris Malaguzzi (1999) na elaboração e execução de projetos e atividades com elementos da natureza, a fim de transformar em conhecimentos, o que encanta as crianças e oportunizando novas oportunidades de descobertas. Tais posturas possibilitam a transformação e novas aprendizagens, em que as crianças se tornaram pesquisadores da natureza, registrados em desenhos, gráficos, pinturas e situações-problema.

> *[...] uma das grandes lições de Reggio Emilia é a forma como as crianças pré-escolares podem usar o que chamam de linguagens gráficas para registrarem suas ideias, observações, recordações, sentimentos e assim por diante. Suas observações revelam como as linguagens gráficas são usadas para explorar os conhecimentos, reconstruir algo que já conheciam e construir em conjunto conhecimentos revisitados dos tópicos investigados (EDWARDS, FORMAN E GANDINI, 1999, p. 38).*

Para realização deste artigo científico, foram consultados referências bibliográficas e alguns documentos legais, como o Referencial Curriculares Nacional da Educação Infantil e a Base Nacional Comum. Também foi realizada uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo, por meio de observação da prática pedagógica de 5 professores que até a presente data atuam de acordo com o BNCC, entrelaçados com a abordagem ativa de Malaguzzi. O desenvolvimento desta pesquisa foi realizado durante 6 meses de vivências dentro e fora de sala de aula, onde foi possível notar os fragmentos e a ruptura do processo de ensino e aprendizagem na primeira infância em nosso território.

Deste período foi possível registrar a rotina diária das professoras que apresentaram diferentes maneiras e características em sua prática, em que se desenvolvia cotidianamente ações para garantir a integral aprendizagem da criança. Estrutura-se projetos sobre os Fenômenos da Natureza a partir dos recursos já disponíveis presente na escola. Por meio deste caminho foi possível estruturar uma gama de atividades interdisciplinares despertando os interesses e conhecimentos das crianças inexplorados antes pelos professores.

O estudo de campo e a observação desta prática, utilizando elementos naturais encontrados no ambiente escolar é importante para a formação pedagógica, como também, traz significado para as crianças que exploram e manuseiam contato com o ambiente natural, se desprendendo dos ciclos contínuos da rotina diária da escola, propiciando as mesmas brincar com os elementos da natureza, enquanto se apropriam e estruturam seu próprio conhecimento, que claramente trouxe significado para os pequeninos.

Considerações Finais

A prática adotada pelas escolas públicas na cidade de Reggio Emilia, tem influenciado significativamente a concepção de ensino em muitos países. No Brasil esta abordagem ganhou representatividade pelas concepções e contribuições de Paulo Freire. Durante um longo período de transformações e conflitos na sociedade o ensino, desde a tenra idade, foi tornando proeminente atender o novo modelo de vida da contemporaneidade. Surgiu, então, os primeiros ambientes de aprendizagem para atender as necessidades dos responsáveis, que precisavam adequar-se às demandas do novo modelo de vida.

No entanto, ainda hoje podem ser encontradas escolas que isolam os interesses da criança. Em um verso, Rubens Alves retrata o sofrimento dos alunos que frequentam escolas excluídas da sociedade como gaiolas, que aprisionam a alegria da descoberta e o prazer de estar inserido em ambiente escolar. “Há escola que são gaiolas. Há escolas que são asas”. Tal cenário, a dedicação ao estudo deste tema inspirada na abordagem de Malaguzzi, torna-se imprescindível e qual instiga a buscar compreender a relação da cultura e do espaço escolar para aquisição do processo de aprender em conformidade com a cultura da infância, em que é possível tornar a aprendizagem aparente e mais prazerosa para todos que a integram.

Referências Bibliográficas

BRASIL, Referencial Curricular Para a Educação Infantil. Vol. 1. Brasília: MEC/SEI, 1998.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, Carmem (Org.). Educação infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 67- 79

CEPPI, Giulio, ZINI, Michele. Crianças, espaços, relações: como projetar ambientes para a educação infantil. Porto Alegre: Penso, 2013.

CARVALHO, Maria Campos de; RUBIANO, Márcia R. Bonagamba. Organização dos Espaços em Instituições Pré-Escolares. In: OLIVEIRA, Zilma Morais. (org.) Educação Infantil: muitos olhares. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GANDINI, Lella. Espaços Educacionais e de Envolvimento Pessoal. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As cem linguagens da criança: a abordagem de Réggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda.,1999.

HORN, Maria da Graça de Souza. Sabores, cores, sons, aromas. A organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LIMA, Elvira de Souza. Como a criança pequena se desenvolve. São Paulo: Sobradinho, 2001.

MALAGUZZI, Loris. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999. p.59-104.

OLIVEIRA, Zilma de M. Ramos. Educação Infantil: muitos olhares. 5. ed. São Paulo: Cortez,

2001.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL: Brasília: MEC/SEF, 1998.

RINALDI, C. Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.